



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



ESTATUTO DE ALUNO E SENTIDOS DO SABER

Vera Lúcia da Silva Soares[i]

Eixo de trabalho: Educação, Trabalho e Juventude.

Resumo: Neste artigo procurarei focalizar duas perspectivas de análise: a constituição do estatuto de aluno e os sentidos do saber nesse novo contexto. Partirei da premissa de que as mudanças no contexto social exigem dos jovens novas formas de aprender e que a escola ainda persiste em manter o currículo homogêneo sem considerar as singularidades juvenis e os sentidos que os jovens dão a escola e ao saber aprendido nela. Para tanto, busquei referências em Dayrell (2007), Pais (2008), Charlot (2005, 2007, 2009), Delory-Momberger (2008) e Reis (2012) para compreender as características inerentes a juventude nesse novo contexto, o estatuto de aluno, os sentidos da escola e dos estudos.

Palavras-Chave: Jovem. Estatuto de aluno. Sentidos do saber

ESTATUTO DEL ESTUDIANTE Y DIRECCIONES PARA SABER

Resumen: En este artículo se tratará de centrarse en dos perspectivas de análisis: la constitución de la situación del estudiante y los sentidos del conocimiento en este nuevo contexto. Salvo la premisa de que los cambios en el contexto social de los jóvenes requieren nuevas formas de aprendizaje y que la escuela aún persiste en mantener el plan de estudios homogêneo sin tener en cuenta las singularidades y la forma juvenil que los jóvenes dan a la escuela y aprendió a conocerlo. Por lo tanto, busqué referencias Dayrell (2007), Pais (2008), Charlot (2005, 2007, 2009), Delory-Momberger (2008) y Reis (2012) para comprender las características propias de la juventud en este nuevo contexto, la situación de sentido estudiante de la escuela y los estudios.

Palabras clave: Joven. El estatus de estudiante. Sentidos del conocimiento

1-Introdução

O ser humano possui uma capacidade que lhe é inata: aprender. Por vários motivos, sejam necessidades ou intencionalidades, as aprendizagens estão intrinsecamente ligadas ao nosso desenvolvimento social, afetivo e intelectual. Atualmente então, as tecnologias têm criado novas formas de aprender na sociedade, gerando uma cultura de aprendizagem que não deve ser ignorada pela escola. O conhecimento pode ser difundido em instantes nas mídias, tornando os saberes mais amplos, principalmente para os jovens, nascidos na era digital.

Como se observa então, as relações entre jovem e escola estão modificadas. O jovem não depende

apenas da escola para aprender e a escola depende cada vez mais do aluno, principalmente dos jovens, para manter inabalado seu papel hegemônico. Por tanto, compreender esta relação está cada vez mais complexo. Muitos alunos gostam da escola, mas não conseguem atrelar o desejo de estar na escola ao significado que ela poderá representar para eles atualmente por parecer “[...] que nunca entraram na escola. Estiverem presentes fisicamente, porém nunca entram nas lógicas teóricas da escola [...]” (CHARLOT, 2005.p.28).

Um das primeiras tarefas do jovem enquanto estudante, porém, é tornar-se aluno. Mas ser aluno é um status provisório, com pouca durabilidade no que diz respeito ao estar na escola. Esse é um dos problemas que afetam os jovens, problematizando sua permanência na escola sem compreender a lógica escolar. Para compreender esse fato, é necessário analisar os sentidos atribuídos a escola, o que é pretendido nela, para manter “presos” os estudantes num longo processo de escolarização. A primeira atitude é compreender que a escola por si só, já não basta ao aluno, que vive numa sociedade repleta de formas de aprendizagens. A mudança mais significativa reside na relação com as regras do saber.

Os jovens têm apresentado pouco interesse pelos discursos impregnados dos valores e regras escolares, pelo currículo que não entra em suas lógicas juvenis contemporâneas. Assim, “[...] o aluno dá uma definição de aluno que não inclui o saber [...]” (ibid.p.20). Definir normas e regras é uma das especificidades da escola, mas definir o papel que ela ocupa na vida dos jovens é um questionamento que vem inquietando os discursos contemporâneos. Qual o sentido de estar na escola Que sentido faz o estudo para o futuro se no presente ele parece não contribuir para os jovens se constituírem enquanto alunos

Partindo dessa problematização, tornar-se aluno nesse novo contexto social, supõe a superação dos desafios que são lançados aos jovens, principalmente em compreender a lógica da escola. Charlot afirma que “[...] o homem está em busca de significados, de sentidos” (2005.p.16) e se a escola se apresenta com uma lógica que não compreende ou valoriza as novas formas de aprender, ela se perde no seu papel, deixa de fazer sentido, de merecer a credibilidade dos seus alunos que não fazem mais tanta questão de permanecer nesse espaço.

Escola e o jovem

A escola vive o esgotamento das dificuldades que enfrenta atualmente. Primeiramente, assim como as outras esferas da sociedade, ela não compreende que características inerentes a transição de fase de vida, que passam por uma nova configuração e mudanças estruturais e decisões como concluir os estudos, trabalhar, casar, ter filho, já não são tão simples como antes. Assim “quando falamos de “juventudes”, estamos profunda e comprometedoramente emaranhados numa complexa teia de representações sociais que se vão construindo e modificando no decurso do tempo e das circunstâncias históricas” (PAIS, 2008. p.8). As mudanças sociais fazem da juventude aquilo que elas também não desejam ser mascarando o seu potencial, desejos e projetos de futuro.

Conforme Dayrell “nesse contexto, é cada vez mais difícil definir modelos na transição para a vida adulta. As trajetórias tendem a ser individualizadas, conformando os mais diferentes percursos nessa passagem” (2007, p.1113) Há uma diversidade de possibilidades que envolvem a vida dos jovens nas quais eles vagueiam sem apresentar um rumo definido, que nem a sociedade contemporânea conseguiu ainda definir trazendo a tona várias reflexões sobre o conceito de juventude atualmente.

Outra dificuldade, diz respeito ao currículo homogeneizante que persiste em permanecer para ser aplicado aos estudantes. No entanto, Dayrell enfatiza o pedido de socorro que eles nos lançam quando se trata dessa vivência escolar “[...] parece-nos que os jovens, nas formas em que vivem a experiência escolar, estão nos dizendo que não querem tanto ser tratados como iguais, mas sim, reconhecidos nas suas especificidades” (2007, p. 1125). Charlot afirma que “na lógica de muitos deles, o professor introduz, de uma forma quase física (material), o saber na cabeça do aluno” (2005. p.30).

Esse modelo de escola tem sido contestado pelos jovens, que não o aceitam, trazendo para o espaço

escolar a indisciplina, a desmotivação e o desinteresse pelos estudos, corroborando assim, para o fracasso escolar. Fatores que preocupam a escola, por estarem presentes nela, mas que não são estudados para serem compreendidas as razões desencadeadoras destas situações que permeiam atualmente o ambiente escolar. Dessa forma, a perspectiva homogeneizante da escola “traduz um projeto político pedagógico que vai informar o conjunto das ações educativas que ocorrem no interior da escola” (DAYRELL, 1996.p.140), sem traduzir para os jovens o sentido do saber.

Na padronização pensada para a escola parece não ser compreendido que “o modo como os alunos vivem, representam e significam a escola e o que fazem ali não podem deixar de corresponder, sob ângulos e formas diversas, ao modo como eles próprios se narram” (DELORY-MOMBERGER. 2008.p.114). Por tanto se a escola não fizer sentido, a narração do jovem enquanto aluno será “[...] a lógica da transmissão direta. [...]”, (CHARLOT, 2005.p.30), da pedagogia que não os levam a questionar, a compreender os sentidos dos estudos. A escola nessa perspectiva faz sentido para o futuro, mas não representa o cotidiano juvenil. Concordando com Charlot, afirmo que “[...] o que falta a instituição escolar e um presente. Em princípio, o presente da instituição é o saber que ela transmite e o desejo por esse saber por parte dos alunos [...]” (2009.p.80).

Estatuto de aluno

“Nessa sociedade, há uma diversidade de meios para a obtenção de dados e de informações, desde os programas de televisão, de rádio, até mesmo o acesso irrestrito, para uma parte da sociedade, às informações da internet” (REIS, 2012.p.14). Ser ou tornar-se aluno então, passa por uma nova configuração que situa o sujeito no meio de questionamentos sobre o que realmente faz sentido aprender, principalmente quando se trata do que deve ser aprendido no espaço educativo.

Então podemos nos perguntar: se é possível aprender fora da escola, para que ela existe O que a escola ensina: informação ou saber Para Reis “[...] Um dos argumentos utilizados para se questionar o que a escola atual poderia oferecer está na constatação de que os sujeitos não precisam dela para ter acesso cada vez maior a esse mundo repleto de dados e de informações, que mudam a cada momento” [...] (REIS, 2012.p.14). Isto não quer dizer que a autora afirme que a escola não faça sentido, mas “que o acesso às informações, não significa necessariamente ter acesso a conhecimentos” (REIS, 2012.p.14).

Existe, por tanto, uma diferença entre informação e conhecimento. Charlot explica essa diferença quando afirma que “a informação se torna um saber quando traz consigo um sentido, quando estabelece um sentido de relação com o mundo de relação com os outros, de relação consigo mesmo” (2005.p.31). Dessa forma, a lógica apresentada na escola para os jovens, muitas vezes não faz sentido por não considerar essa diferença, privilegiando o ensino homogeneizante fazendo nossa sociedade viver momentos paradoxais entre o aprender cada vez mais e apresentar cada vez mais dificuldades em aprender o que a escola exige que se aprenda.

Partindo desse pressuposto, percebe-se que a escola tem passado por poucas mudanças e para muitos, estar na escola, estudar, só faz sentido se puder “obter os diplomas e encontrar um trabalho para ter uma boa vida” (CHARLOT, 2009.p.83). Então qual é o sentido real de estar na escola Em meio a essa situação, os jovens estão vivenciando o conflito entre o ser jovem e o ser aluno. Para parte deles, a escola está reduzida a “imposição”, a “obrigação” de frequentar uma escola, uma vez que esta não comunga dos interesses juvenis e os obriga a participar das aulas e atividades propostas no contexto escolar, dos conteúdos intelectuais da escola que não são interessantes do ponto de vista dos alunos. Para outros, a escola representa a oportunidade de futuro.

Nos dois casos, no entanto, os jovens ainda percebem na escola sua forma “autoritária”, “ditadora”, de regras e valores a serem seguidos e Charlot afirma que ao apresentar o sistema de regras e valores, ela trata de ações que representam a relação de poder. “[...] Isso significa dizer que o que é ativo no ato de ensino/aprendizagem é o professor, não o aluno [...]” (2005.p.52). A relação de saber perpassa a relação de dominação, deve se situar numa relação de construção mútua. Charlot explicita bem isso quando

afirma que “[...] foi a escola que acabou dizendo ao aluno que o mais importante não é aprender coisas, que o mais importante é passar de ano e obedecer as regras da escola [...]”.(2005.p.30).

“Aprendemos nas diferentes relações que estabelecemos no mundo, com as pessoas, nos diversos tempos e espaços” (REIS, 2012. p.20), portanto a escola pode ser um desses espaços para troca de experiências contribuindo para o desenvolvimento do saber. Mas para que a aprendizagem aconteça, ela precisa fazer sentido para ser internalizada. Isto é, o aluno precisa se mobilizar em uma atividade. Charlot, afirma que “o sujeito realiza atividade no mundo e sobre o mundo, persegue objetivos nele, realiza ações nele [...]” (20005.p.41) isto é, a partir de suas próprias experiências e da sociabilidade é possível desencadear o desejo de aprender.

Na medida em que se viabiliza o diálogo entre o que se aprende e a escola, é preciso que “o sentido da escola tenha relação com a função específica da escola; estudar, aprender, saber. Que o desejo da escola seja (também) desejo de estudar, de aprender, de saber” (CHARLOT, 2005.p.55). Pois “[...] a escola pode possibilitar aos estudantes novas compreensões do mundo, dos outros e de si mesmos, novos sentidos, contribuindo para transformações subjetivas desses estudantes [...]” (REIS, 2012.p.29).

Definir, portanto, o estatuto de aluno não é nada fácil, pois, se a escola é para o aluno e o aluno para a escola, porque que elas não “introduzem os alunos a ter uma atividade intelectual, os introduzem em universais novos, constroem outras formas de se relacionar com o mundo” (CHARLOT, 2009.p.95). Ainda hoje permanecem as dificuldades da escola em entender a atividade do aluno na escola, de favorecer o desempenho acadêmico, de ensinar o aluno a aprender. Para Charlot, “aprender requer uma atividade intelectual. Só se engaja numa atividade quem lhe confere um sentido” (ibid. p.93). Mas o que faz sentido aprender O que é o sentido

Os sentidos do saber

Muitas vezes nos perguntamos sobre os sentidos que nos levam a realizarmos determinadas atividades em nossas vidas. Esta é uma das perguntas que tem permeado o contexto escolar ultimamente em relação ao universo juvenil, à escola, ao ensino e a aprendizagem. Qual o sentido para aprender o que a escola tem para ensinar Charlot vai afirmar que “são muitas as maneiras, no entanto, de apropriar-se do mundo, pois existem muitas coisas para aprender” (2000.p.58) e o cotidiano juvenil tem demonstrado que a lógica da escola muitas vezes não está relacionada com a lógica dos jovens.

As aprendizagens adquiridas no meio social muitas vezes aparecem de forma mais atrativas, pois a “[...] escola é um lugar onde o professor está tentando ensinar coisas para alunos tentando aprendê-las [...]” (CHARLOT, 2005.p.27), no entanto, “para que o aluno aprenda se aproprie do saber, é preciso que ele tenha ao mesmo tempo o desejo de saber e o desejo de aprender” (ibid.p. 55). É preciso então que haja sentido para que o aluno aprenda que o sujeito se mobilize para realizar a atividade, demonstre interesse em querer aprender. Delory-Momberger e Charlot definem sentido como:

- “A questão do sentido remete à maneira como os alunos significam sua frequência à escola, as tarefas que são levados a fazer, os saberes que ali constroem. (DELORY-MOMBERGER, 2008.p.123).
- “[...] O sentido é produzido por estabelecimento de relação, dentro de um sistema, ou nas relações com o mundo ou com os outros” (CHARLOT, 2000.p.56).

É necessário que o sujeito se relacione com atividade que pretende realizar, desperte o desejo, a vontade de querer fazê-la para que possa se apropriar do saber. Isto é, o sujeito precisa se mobilizar, se mover em função daquilo que deseja aprender. “A idéia de mobilização remete a uma dinâmica interna, à idéia de motor e, portanto, de desejo” (REIS, 2011.p.14). Assim faz sentido aquilo que nasce do desejo, do querer, pois “quando eu digo isso tem realmente um sentido para mim, estou indicando que dou importância a isso, que para mim isso tem um valor” (CHARLOT, 2000.p.57).

Portanto, a escola não pode pensar o ensino e a aprendizagem como “uma simples transmissão de um

saber, mas igualmente portador de uma intenção cultural” (CHARLOT, 2005.p.95). É preciso que o ensino faça sentido para aqueles que frequentam a escola, que as significações da escola não sejam compreendidas apenas pelos “aspectos da cultura escolar, das escolhas de conhecimentos sistematizados, a partir de determinadas concepções, num universo de disputa sobre o que ensinar e como, em determinada área do conhecimento, com lógicas historicamente construídas” (REIS, 2012.p.24).

Porém, quando se trata de sentidos, Charlot afirma que “esta questão não está totalmente resolvida” (2000.p.57), pois as coisas perdem ou ganham sentido sem que se perceba seu real significado. Isso pode acontecer com os alunos por não compreenderem claramente os sentidos da escola para eles, ou ainda não terem internalizado a importância que os estudos podem apresentar para o futuro deles. Falta assim, clareza sobre os significados da tríade escola/aluno/saber. É imprescindível, portanto, compreender “como se passa o desejo de saber (como busca de gozo) à vontade de saber, ao desejo de aprender, e, além disso, ao desejo de aprender e saber isso ou aquilo” (CHARLOT, 2005.p.37).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que esta discussão não está finalizada, afirmo que atualmente a escola já não é mais a primeira fonte de conhecimento. Os alunos aprendem em muitos ambientes e ela não consegue mais acompanhar esse ritmo acelerado da informação. Faz necessário, por tanto, um (re) exame dos saberes que ela ainda propõe a seus alunos, utilizando estes novos modos de aprender para dotá-los de capacidades de aprendizagem. O currículo homogeneizante, já não faz tanto sentido quando se têm acesso aos conhecimentos fora dos muros da escola. A lógica da escola, não é a lógica do aluno. É preciso compreender a relação existente entre jovem/escola/saber, compreendendo assim, que não cabe mais a educação proporcionar conhecimentos antes considerados verdades acabadas, ensinando apenas o que acha necessário ensinar ao aluno.

Cabe uma análise profunda do contexto ensimesmado da escola, no qual o aprender ganha uma diversidade indiscutível. Nessa perspectiva, a educação pode atender as novas exigências sociais se conseguir fazer seus alunos desenvolver capacidade e competências pessoais para gerir seus conhecimentos, transformando a escola e o saber para o aluno. As transformações pelas quais passa a sociedade permitem um repensar dos modos com a escola compreende o saber. É preciso ressignificar os aspectos da cultura escolar levando o aluno a reinterpretar sua realidade ou reconstruí-la para ter capacidade de converter informação em conhecimento, retendo não apenas os conhecimentos ensinados pelos professores, mas aprendendo que a aprendizagem pode melhorar sua condição de aluno, de jovem e cidadão.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber:** elementos de uma teoria. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

_____. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização:** questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____. **A relação com o saber nos meios populares:** uma investigação nos liceus profissionais de subúrbio. Portugal: CIIE/Livpsic, 2009.

_____. A escola e o trabalho dos alunos. **In: Revista de Ciências da Educação.** Nº 10. set/dez 2009.

DAYRELL, Juarez. A escola faz as juventudes Reflexões em torno da socialização juvenil. **In: Educação e Sociedade.** Campinas, vol.28, n.100 - Especial. 1105-1128, out.2007.

_____. A Escola como espaço social. **In: Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto** EDUFRRN; Paulus: Natal, São Paulo, 2008.

PAIS, José Machado. Máscaras, jovens e "escolas do diabo". **In: Revista Brasileira de Educação**. V.13, nº 37 jan/abr.2008.

REIS, Rosemeire. Processos de mobilização e/ou desmobilização em relação aos estudos para jovens e adultos no Ensino Médio. **IN: Relatório Final de Pesquisa. Estágio de Pós Doutorado em Educação**. UFS (Universidade de Sergipe), 2012.

[i] Mestranda em Educação Brasileira, cujo projeto de pesquisa é intitulado: Jovens e adultos no Ensino Fundamental II Noturno: quais os sentidos que atribuem aos saberes aprendidos na escola Integrante do grupo de pesquisa: Juventudes, cultura e formação. Email: verasoares2008@hotmail.com